

A PORNOGRAFIA COMO UMA QUESTÃO LÓGICA E PSICANALÍTICA

Maria Cristina de Távora Sparano¹

RESUMO

O tema da pornografia (pornô) suscita muitas questões de ordem filosófica, moral, política, dos bons costumes, da legalidade e também da psicanálise. Esta última aborda o tema do sexo, prazer e dominação, conseqüentemente do real do corpo. Prazer e gozo, caros à psicanálise lacaniana, têm na palavra, na estrutura e no movimento dos quatro discursos (do mestre, da universidade, da histérica, do analista) e, ainda, do quinto (o capitalista), assim como no matema da sexuação, uma possibilidade de contornar o vazio deixado pelo gozo no sujeito evidenciado na pornografia. É pela linguagem que se abre uma possibilidade para que o tema seja lido e os sujeitos “escutados”, seguindo a norma psicanalítica da atenção flutuante, na análise de relações sociais e sexuais.

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; escuta psicanalítica; Jacques Lacan; prazer; gozo.

ABSTRACT

The subject of pornography raises many philosophical, political, moral, legal and psychoanalytic questions. The latter addresses the issues of sex, pleasure and domination, and consequently the reality of the body. Pleasure and *jouissance* have, in the word, in the structure and in the movement of the four discourses (of the master, university, hysteric and of the analyst, plus the discourse of the capitalist), as well as in the mathemes of sexuation, a possibility of circumventing the void left by the *jouissance* (as evidenced in pornography.) It is through language that a possibility arises for the theme to be read and the subjects “listened to,” following the psychoanalytic norm of floating attention, in the analysis of social and sexual relationships.

KEYWORDS

Pornography; psychoanalytical hearing; Jacques Lacan; pleasure; *jouissance*.

¹ Professora sênior do Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro do GT Filosofia e psicanálise. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisas FILPSI (2020-atual) e autora do livro *Memórias de significação* publicado pela editora CRV (2022).

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como presente objetivo elaborar uma discussão acerca da pornografia, tendo como principal elemento de discussão o gozo e a escuta psicanalítica. Ambos, elementos primordiais para construção de uma conversação sobre a pornografia como *locus* privilegiado de exploração, do gozo e do corpo, e das perversões, constituintes de todos. Com este fim, propomos uma teorização da pornografia como elemento de mais-gozo, ou melhor, mais-valia, dentro de um sistema de incitação ao gozo recorrente. Um sistema caracteristicamente parasitário, o capitalista.

Este projeto vem se tornando uma realidade nos últimos anos, graças a três momentos epistolares: o primeiro, foi o encontro com uma matéria escrita por Polly Barton, autora e tradutora britânica. O artigo, intitulado *My year of talking about porn*, foi publicado no *The New York Times International Edition* em 14 de março de 2023, como preparação para o lançamento de sua obra *Porn: An oral History* (2023).

A obra de Barton reúne, em dezenove conversas, o relato de amigos e conhecidos acerca de suas experiências com a pornografia: do encontro inicial com esse objeto, da relação construída com esse após o ponto inicial, e os efeitos que essa descoberta do sexo, através de sua espetacularização, deixou em seus interlocutores.

O segundo momento de iluminação foi uma cena. Uma cena ocorrida durante a pandemia de COVID, em 2020, enquanto participava de um encontro do grupo de pesquisa *Thumos Seminair*, da UNIGE (via zoom): hackers invadiram a sala de reunião exibindo uma cena de pedofilia entre dois homens e três garotas, por volta de uns 10 anos. Essa cena, não esperada, em um momento de fragilidade como foi a pandemia, desestabilizou a todos.

O terceiro momento é recorrente, trazido por alunos, que muitas vezes pedem por exemplos do real. No entanto, o real, como sabemos, a partir da lógica aristotélica, se situa no ponto do impossível, determinando o que não pode ser. Não descobrimos o real, deparamo-nos com ele.

Como acessar esse real, como trazê-lo à tona, senão pela psicanálise, falando dele? Nessa empreitada, nos propomos a falar dele, do real, ao conceituar quatro elementos específicos: o sexo, a pornografia, o gozo e o prazer.

Em paralelo a tais momentos, apontamos, também, o trabalho exercido no grupo de estudos lacaniano FILPSI, desde 2016, tendo como principal objetivo o estudo da obra lacaniana com vistas ao social, pensando a sociedade por intermédio da filosofia e da psicanálise.

Por fim, podemos localizar a pornografia em sua presença marcadamente manifesta,

em todos os campos da vida em sociedade, transitando entre as relações e, ao mesmo tempo, as moldando. Jacques-Alain Miller, em 2016, apresentou-se no X congresso da AMP, no Rio de Janeiro, com o texto *O inconsciente e o corpo falante*. Nesse, o psicanalista chama atenção para a pornografia como o objeto para pensarmos o paradigma do corpo, como aquele que se dá (ao espetáculo) e que se fecha sobre si mesmo, em repulsa ao outro. Detalha ele:

Como não termos, por exemplo, a ideia de uma fissura quando Freud inventou a psicanálise, se assim podemos dizer, sob a égide da rainha Vitória, paradigma da repressão da sexualidade, ao passo que o século XXI conhece a difusão maciça do que é chamado de *pornô*, ou seja, o coito exibido, tornado espetáculo, *show* acessível a cada um pela internet por meio de um simples clique com o *mouse*? De Vitória ao *pornô*, não apenas passamos da interdição à permissão, mas à incitação, à intrusão, à provocação, ao forçamento. O que é o *pornô* senão uma fantasia filmada com uma variedade própria para satisfazer os apetites perversos em sua diversidade? Nada melhor que a profusão imaginária de corpos se entregando a um «se dar» e a um «se pegar» para mostrar a ausência da relação sexual *no real*. (Miller, 2016, s.p.)

Não podemos escapar desse movimento, senão pela via da fala e da escuta, possibilitadas pela psicanálise.

A PORNOGRAFIA COMO QUESTÃO

Algumas questões apresentaram-se a nós: mas, afinal, o que seria ou o que é a pornografia? Quais são os limites da pornografia? Como resposta à última, podemos dizer que seus limites são morais, políticos e religiosos.

Para as pesquisas que realizamos aqui, o livro de Alenka Zupančič, *O que é sexo?* (2023), foi de importância capital após termos nos aproximado de outros autores, como Michel Foucault com *A vontade de saber* (1976), J. D. Násio com o texto *Por que repetimos os mesmos erros* (2013), e Serge André com *A significação da Pedofilia²* (1999). Além dos autores citados acima, outros pontos de ancoragem dessa pesquisa foram as obras já solidificadas de Sigmund Freud e seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), com o adendo da questão da pulsão, muito evidentemente e, também, Jacques Lacan, com o seminário *A Lógica do fantasma* (2023) com a questão do corpo (capítulos XVIII e XIX).

Alenka Zupančič, assim como Slavoj Žižek, da escola eslovena (Academia Eslovena de Ciências e Artes), têm atualmente uma contribuição importante no campo da teoria social e da psicanálise, para a qual o sexo não é redutível à normatividade biológica nem a construtivismos simbólicos da sociedade. O sexo é desvio ou errância de uma norma

2 “*La signification de la pédophilie*” foi uma conferência concedida por Serge André em 1999 em Lausanne.

que não existe, numa clara referência a Alain Badiou. É uma falha entre o ontológico e o epistemológico, uma inconsistência ontológica do ser.

Subvertendo a ontologia, Zupančič vem por situar o sexo como uma entrada privilegiada para contradições e antagonismos que nos obrigam a refletir quando nos envolvemos com esse significante.

Não se trata de uma desconstrução, mas de uma des-identidade em relação ao pensar ontológico que reabilita o corpo, empurrando tudo para fora do si mesmo.

O GOZO COMO RESPOSTA

Jacques Lacan propõe uma saída para o gozo que vai além do utilitarismo, mesmo quando bem fundamentado, como no pensamento de Bentham (1748-1832) (na *Teoria das Ficções*, compilado de textos do autor publicado em 2007, com organização de C. K. Ogden) e sua teoria utilitarista. Isso é aparente, por exemplo, quando aponta que o “valor de uso” de um bem não coincide, necessariamente, com seu “valor de gozo”, pois, para Bentham, a ideia de felicidade geral, ou interesse da comunidade em geral, está relacionada ao resultado de um cálculo hedonista, isto é, a soma dos prazeres e dores dos cidadãos. O princípio de utilidade tem, portanto, o objetivo de proporcionar “a maior felicidade para o maior número de pessoas” (Bentham, 1979, p. 5), poder alcançá-la do melhor modo possível.

Jacques-Alain Miller (1996) acrescenta que o que dá fundamento ao utilitarismo é a convicção de que nada é sem efeito; toda coisa serve, ou não, à outra. A utilidade seria, portanto, o que funda a existência. Ao comentar a teoria benthamiana, o psicanalista afirma que a natureza, para os utilitaristas, não diz nada, não estabelece nenhuma norma, não impõe nenhum limite. Tem como única função colocar o prazer e a dor à disposição dos mestres para que eles conduzam os homens.

Já Lacan, assim como Marx, introduz a noção de “mais de gozar” correlata à “mais-valia” que rege o *approach* capitalista. O gozo não deixa de ter valor de uso para o sujeito, esse valor de uso pode ser demonstrado pelo fato de que o sujeito não deixa de fazer uso do gozo, mesmo que esse uso o coloque em risco. Lacan ateu-se à noção de uso em torno da vertente do mais de gozar do desejo. A teoria lacaniana fundamenta-se essencialmente no objeto da pulsão: inseparável do gozo como satisfação da pulsão.

O valor de uso de um objeto é particular, ou seja, interrompe a conexão com o Outro. A resposta do gozo pode ser compreendida como um gozo que, progressivamente, torna-se mais solitário e que busca unicamente o gozo do próprio corpo, podendo extrair de um mesmo objeto distintas satisfações.

Dessa forma, é possível pensar que o gozo tem um valor para o sujeito, uma vez que este o coloca em uso, mas “há outra coisa além do seu valor de uso, há sua utilização de gozo” (Lacan, 1997, s.p.).

Encontramos, no entanto, impasses estruturais, políticos e sexuais na sociedade onde as opressões sociais causam repressão que tem como resposta a “utilização do gozo” (sem entrar nas questões relativas ao gozo fálico)³. Nessa análise, Jacques Lacan nos inicia pela lógica e pela topologia para podermos responder a tais impasses. Lacan se utilizou de letras no lugar de palavras, os matemas, nos seus quatro discursos. Estas letras têm um código a ser decifrado: S1= significante mestre; S2= o saber; \$= sujeito barrado; a= pequeno a, o mais-de-gozar. Os quatro discursos circulam pelos espaços e posições fixas do agente → outro, verdade/produção⁴.

Nesse ponto da construção lacaniana, serão os atos correlatos às letras que irão dar a especificidade dos discursos: com o discurso do mestre, da universidade, da histórica e do analista. Acrescentemos a eles um quinto discurso, o discurso capitalista ou do mestre contemporâneo. Entre o mestre contemporâneo e o antigo, há uma modificação do lugar de saber. A sua principal diferença frente aos demais é ter como prioridade o rompimento para com os laços sociais, como podemos observar no *Seminário 17* de Lacan (1992).

Conforme Antônio Quinet (2012), esse discurso, o capitalista, promove um autismo induzido e um empuxo ao onanismo, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de completude com um parceiro conectável.

O discurso capitalista é uma máquina de gozo, longe de se fazer desejante, pois está sempre ao alcance da mão. Dificilmente, no capitalismo, teremos chances de tornarmos sujeitos da história. Dificilmente teremos escolha, quando a ideologia do livre mercado, que se impõe a nós, permite a exploração sexual, seja por imagens, propagandas, *nudes*, *fake news* etc., onde os problemas com o sexo são o resultado de regulamentações sociais pautadas pela ideologia capitalista dominante e selvagem.

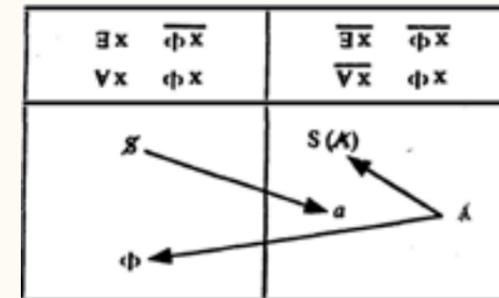
3 É importante esclarecer que Lacan formaliza a *função fálica* com base na categoria freudiana do *falo*, em que prevalece um saber sobre a castração. Embora o termo *falo* não tenha sido utilizado com frequência por Freud, sendo muitas vezes empregado para se referir ao pênis, o adjetivo *fálico* ocupa amplo lugar na teoria freudiana da libido, da diferença sexual, sobretudo no que se refere ao complexo de Édipo (Laplanche & Pontalis, 1992). O *gozo fálico*, segundo Lacan, é, portanto, aquele que se situa fora do corpo e inclui a fantasia, a partir da crença do sujeito no Outro da castração. A constituição do sujeito é guiada pela sua acomodação ao gozo fálico, e isso envolve o casamento (realizado sob as mais variadas circunstâncias) que o sujeito deve fazer entre o gozo fálico e seu corpo (Miller, 2005).

4 Os quatro discursos são: O discurso do analista; o discurso da histórica; o discurso da universidade; e o discurso do mestre. Para uma melhor compreensão acerca destes ver LACAN, Jacques. *O seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Uma das saídas propostas que conhecemos, “*tout court*”, é a da neutralidade, que é uma posição da classe dominante. Temos um exemplo à mão, com a guerra instaurada recentemente na faixa de Gaza, uma boa posição enaltecida pela nossa índole gentil é a de sermos, nem antissemitas nem islamofóbicos (até porque não somos nem um nem outro). Estamos numa relação de assepsia, sem antagonismos que iriam nos obrigar a uma tomada de posição; seria mais fácil não nos envolvermos e relaxarmos nossas tensões, onde, “*en passant*”, uma boa sessão de pornô poderia até ser a solução regida pela fórmula utilitarista, ao estabelecer uma relação direta com o gozo – única instância de legislação, além da necessidade ou adequação.

Porém, o feitiço se vira contra o feiticeiro, seja o sexo reprimido, escondido, alienado ou condenado, será sempre uma ameaça ao prazer que gera mais prazer. A psicanálise tem um compromisso com o desejo e com as nossas escolhas, nem que seja com nossas próprias neuroses e, também, com esses impasses estruturais da sociedade e da sexualidade. Perguntamo-nos, então, qual o lugar dessa narrativa na sociedade onde falar de sexo já é, em si mesmo, um ato revolucionário e sexual?

Nessa análise, impulsionado por um paradigma biologizante, temos mulheres de um lado e homens do outro. Corpos com pênis e corpos sem pênis. Lacan, porém, diferentemente desse modelo, demonstrou, pela análise estrutural e linguística, que a mulher e o homem são apenas significantes que ocupam uma posição, conforme o grafo da sexuação, como podemos observar abaixo:



Fonte: LACAN, Jacques. *Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O grafo é apresentado no *Seminário 20: mais, ainda* (1972-1973/2008), no qual Jacques Lacan afirma e escandaliza que “a mulher não existe” (Lacan, 2008, p. 14)⁵. Segundo a lógica, isso consistiria: homem, “falo de x”, mulher (seu negativo), “não falo de x”. Mas é disso mesmo que se trata, esse é o ponto-chave: há um apagamento da “mulher” na lógica

5 “É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuais, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico — eu disse dito —, o sexo corporal, o sexo da mulher — eu disse da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda — o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo” (Lacan, 2008, p. 14).

e, também, no campo do social. A ontologia teve, e ainda tem, um papel de destaque com suas essências, deixando o corpo e suas diferenças em segundo plano.

A cultura e a ciência moderna, iluministas, reiteraram essa dessexualização e o corpo físico, mas Lacan o substitui (busca sua essência no fundamento da palavra), com todas as consequências geradas nessa proposta, pela palavra, mas não qualquer palavra, no “*lalangue*”, no balbuciar, na raiz da língua – o real da língua.

Lacan nos deixou o legado da palavra, apropriando-se do modelo linguístico tomado de Ferdinand de Saussure, com toda a gama de significantes, significados, substantivos e adjetivos, e de Roman Jakobson, com as funções da linguagem e da comunicação, com informação de emissores, receptores, intenções, estruturas subliminares e sua relação com o arbitrário, diferentes do discurso racionalista, da substância e da razão.

Todo esse percurso de Lacan, pela via da palavra, é simbólico e também real, porque é pela via da palavra que podemos saber do real do corpo, tal como nos ensina o saber científico, mesmo quando exclui o sujeito e o gozo, escamoteando o que Lacan chamará de falta.

A demanda por um saber esclarecido produz objetos capazes de gozo que vêm suturar, fazer um nó. Um saber que se apresenta ao sujeito e que emerge para cobrir-lhe a falta, a perda. Temos aí o problema e, também, a solução. Somos, desde o nascimento, induzidos a falar, a palavra é excitação, o prazer oral, que oferece proteção para essa operação de nada saber, surgindo como uma proteção velada.

Já os excedentes, os desvios, como as perversões, aparecem como elementos patológicos de proteção contra a castração.

AO FINAL, A PORNOGRAFIA

O pornô não deixa de ser uma proteção, a “camisinha”, que recobre o objeto do prazer para os perversos. A perversão, nos fala Lacan, se define exatamente pela forma como o sujeito aí se coloca, encarnando o objeto que falta e que seria o alvo da pulsão. Daí a fixidez da perversão, seus roteiros repetitivos e intermináveis, onde o perverso não tem nenhuma liberdade, é escravo do gozo do Outro, tal como vemos em Sade.

O perverso, em seu agir, é comandado pelo imperativo categórico do gozo: Goza! – como diz Lacan no texto *Kant com Sade* (1963). O sujeito vive para o gozo, para apoderar-se dele, organizá-lo e prorrogá-lo. Ele se faz presente como uma resposta dura e inflexível, sob a forma de vontade de gozo. Na verdade, não há sujeitos e sim assujeitados. O sujeito supõe que possa recobrir a falta, desmenti-la e faz de tudo para desvendá-la. Como isso seria possível? Como seria possível “ver a falta”? Colocando no seu lugar um objeto ima-

ginário, um objeto que substitui a falta.

A dimensão imaginária aparece como prevalente na organização perversa, onde o sujeito se imagina como o objeto que falta à mãe, escravo de seus caprichos, ou ainda, quando age em função de um substituto dela, seu fetiche. Nos dois casos, numa e noutra situação, é sempre a um objeto parcial que a pulsão se dirige.

O pornô, por sua vez, é uma exposição carnal ao gozo, uma linha direta de perversão, que proporciona sofrimento e morte do Outro.

O depoimento de Polly Barton, *My Year of Talking about porn* (publicado no The New York Times em 10 de março de 2023), previamente ao lançamento do seu livro *Porn: An Oral History* (2023), talvez seja um bom começo para mostrar exatamente o significado da pornografia. A autora nos conta:

We should, most of us, be talking about porn more than we are. However intensely private it might seem, for better or worse, porn is not something we interact with solely as individuals. It enters our relationships; it molds us. We can meet that passively with silence, or we can just start talking — really talking — and see where we end up. (Barton, The New York Times, 2023)⁶

Growing up in Britain, I received wildly different messages about it: Porn served a fundamental human need; porn glorified and glamorized sexual violence toward women; porn encouraged sexual experimentation and creativity; porn was tacky; porn was racist, ableist and misogynist. I’d never succeeded in squaring these views. I knew that there was, ostensibly, good porn and bad porn, but I wasn’t really sure where the difference between the two lay, and I’d never really had a proper, frank conversation about any of it. With anyone. (Barton, The New York Times, 2023)⁷

A ESCUTA PSICANALÍTICA

6 “Nós deveríamos, a maioria de nós, estar falando mais sobre pornô do que o fazemos. No entanto, por mais privado que pareça, para bem ou mal, o pornô não é algo com o qual interagimos puramente apenas como indivíduos. Ele adentra em nossos relacionamentos, nos moldando. Podemos abordar esse fato passivamente, em silêncio, ou podemos começar a falar, realmente falar, e ver aonde vamos chegar” (Tradução própria).

7 “Crescendo na Inglaterra, eu recebia mensagens variadamente diferentes sobre ela: pornô servia para satisfazer uma necessidade humana fundamental; pornô glorificava e glamorizava a violência sexual contra mulheres; pornô encorajava experimentação sexual e a criatividade; pornô é brega; pornô é racista, capacitista e misógino. Nunca fui bem sucedida ao tentar definir essas visões. Eu sabia que existia invariavelmente “pornô bom” e “pornô ruim”, mas eu não estava tão certa quanto à distinção existente entre os dois. E eu nunca tive uma conversa realmente sincera sobre isso. *Com ninguém*” (Tradução própria, grifo nosso).

Por que a escuta psicanalítica se impõe nesse contexto? Porque é uma maneira de acessar o sujeito pelo dizer, pois o gozo do corpo escapa pela fala. Esse saber se aloca aí e, pela atenção flutuante, a técnica da psicanálise, onde o analista sustenta as associações do paciente, contorna-se a falta pelo saber.

Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), Freud sustenta que a atenção flutuante é uma ambição terapêutica, mas, mais que isso, é a oportunidade de reintroduzir o sujeito dividido entre seu dizer e o seu dito, enunciação e enunciado, entre o saber e verdade.

Já o pornô e suas práticas se amparam nos buracos do saber, sua lógica é a de um “desmentido” (*Verleugnung*), pois a vontade de gozo desmente a castração (afirmo “esta é minha mãe” e nego “esta não é minha mãe”). Porém, a escuta de uma prática perversa, como no caso que apresentamos em nossa introdução, a pedofilia, pode vir a suscitar no agente, no analista ou, em nós mesmos, um correlato do horror (como foi o caso da cena dos hackers durante a pandemia), efeito esse que é o almejado pelo perverso, que tem, como única função, colocar a dor e o prazer do outro numa relação direta com o gozo.

Caberia, então, o emprego de tal recurso (a escuta flutuante)? A escuta de uma prática perversa, destituída do julgamento e da censura, como se espera de um analista, pode correr o risco de ser equiparada a uma anuência, quase beirando a cumplicidade. Esta parece ser muitas vezes a razão justificada para uma recusa da parte dos analistas de atender esses casos. No entanto, uma escuta sem paixão ou julgamento deve ser ética e a consequência, como ato, pode dar lugar ao sujeito.

A única suplência à vida e à morte é a linguagem, tanto o escutar quanto o falar, porque entre a vida e a morte temos o gozo, que é mortífero. O discurso sobre o sexual marca a diferença entre a constatação do sexo e o falar do sexo. Podemos dizer que é uma transgressão deliberada, uma aposta na palavra, no saber e na psicanálise.

“Nós deveríamos, a maioria de nós, estar falando mais sobre pornô do que o fazemos” (Tradução própria), como sugere Polly Barton, sem esquecer o que ensina Lacan: “não há saber sobre gozo sexual ou sobre gozo de cada sexo como tal, pois a proporção com o Outro do sexo está perdida para todos que ingressaram no universo da linguagem e da palavra” (Lacan, 1998, p. 839). Só nos resta então insistir, pois não custa tentar falar d’Isso.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, S. *La Signification de la Pédophilie*. *Psychologist Psychotherapist*, 29 dez. 2019. Disponível em: <<https://astriddusendschon.org/2019/12/29/la-signification-de-la-pedophilie->

[par-serge-andre/>](https://www.nytimes.com/2023/03/10/opinion/porn-conversations.html). Acesso em: 2 abr. 2023.

BARTON, P. *My Year of Talking About Porn*. *The New York Times*, 10 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/03/10/opinion/porn-conversations.html>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

BARTON, P. *Porn: an oral history*. Fitzcarraldo Editions, 2023.

BENTHAM, J. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. In: J. Bentham. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, p. 9-87, 1979.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade do saber (Vol. 1)*. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD (1901-1905) - Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, p. 13-172, 2016.

LACAN, J. *O seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, J. *Kant com Sade*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Le Séminaire Livre XIV: La Logique du fantasme*. Paris: Seuil, 2023.

LACAN, J. *O seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O seminário 20: Mais, ainda....* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LISITA, H. G.; ROSA, M. O uso e a toxicomania: considerações com base em Bentham, Marx e Lacan. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 119-130, 2013.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MILLER, J. A. *A máquina panóptica de Jeremy Bentham*. In: J. Miller. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 24-54, 1996.

MILLER, J. A. *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, J. A. *O inconsciente e o corpo*. Associação mundial de psicanálise, 2016. Disponível em: <<https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&int%20Publicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

NÁSIO, J.-D. *Por que repetimos os mesmos erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

OGDEN, C.K. *Bentham's Theory of Fictions*. Reino Unido: Routledge, 2013

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

ZUPANČIČ, A. *O que é sexo?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.